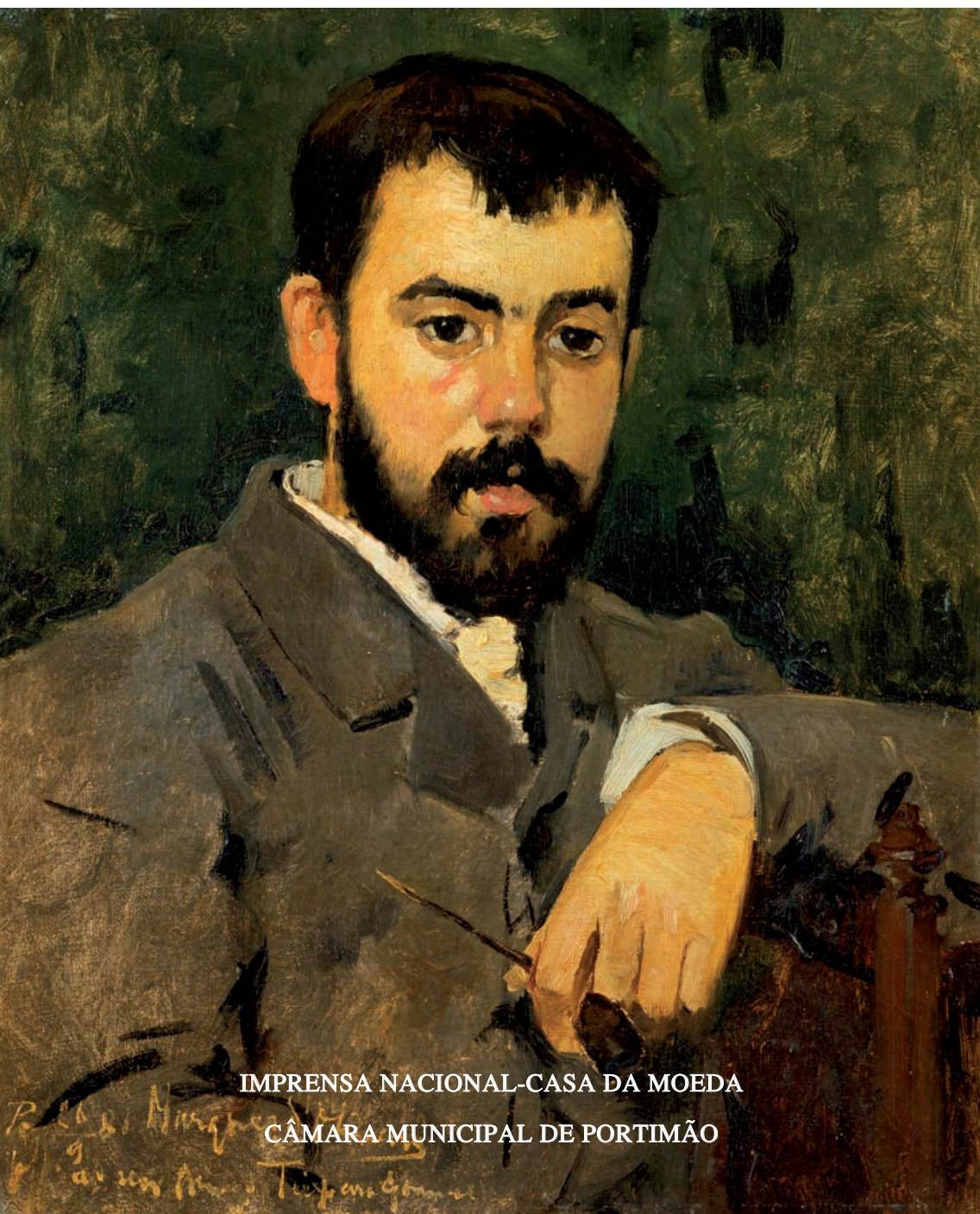


M. TEIXEIRA-GOMES

OBRAS COMPLETAS

I



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO

NOTA PRÉVIA

Em 2010, o município de Portimão será o centro das comemorações nacionais do 150.º aniversário do nascimento de Manuel Teixeira-Gomes, as quais coincidem com as comemorações do centenário da implantação da República.

Manuel Teixeira-Gomes, ilustre filho de Portimão, onde nasce em 27 de Maio de 1860, foi um dos principais vultos da I República e do seu tempo, tendo tido um papel de relevo como Presidente da República e embaixador e representante de Portugal em diversos palcos nos conturbados momentos da vida nacional e internacional da época.

Além do papel que teve na vida política, na vida e obra de Manuel Teixeira-Gomes sobressai a sua dimensão humanista e de homem de cultura, dotado de raro sentido estético, eminente interveniente activo na vida intelectual do seu tempo quer em Portugal quer na Europa que tão bem conheceu, através das suas viagens, antes de se fixar definitivamente em Bejaia, na Argélia, onde viria a falecer a 18 de Outubro de 1941.

Mas Teixeira-Gomes é sobretudo autor de uma considerável obra literária de rara envergadura, que inclui alguns dos mais belos textos de sempre das letras portuguesas. Infelizmente, parece não ter o lugar de destaque que legitimamente lhe é devido nos escaparates da moda literária contemporânea.

É, portanto, com regozijo que, a pretexto e no âmbito das comemorações nacionais do 150.º aniversário do nascimento de Manuel Teixeira-Gomes, a Câmara Municipal de Portimão

tem o privilégio de se associar à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que em boa hora decidiu proceder à edição das *Obras Completas* do escritor em seis volumes, a publicar em 2009 e 2010.

É uma oportunidade única para se dar a conhecer uma visão global da obra de Manuel Teixeira-Gomes e da sua importância no património cultural português, como contributo para reactualizar e valorizar a figura de um homem que, de maneira exemplar e, diria, rara, soube dar à sua vida a coerência do sentido ético e dos valores em que acreditava.

Desejo, por isso, realçar a importância e o mérito da edição das *Obras Completas* de Manuel Teixeira-Gomes pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda: é uma forma de prestar a justa homenagem àquele ilustre portimonense, por ocasião das comemorações nacionais do 150.º aniversário do seu nascimento.

Portimão, Maio de 2009.

O Presidente da Câmara Municipal de Portimão

MANUEL ANTÓNIO DA LUZ

A OBRA DE TEIXEIRA-GOMES AO LONGO DE UM SÉCULO

Como ver hoje Teixeira-Gomes?

No primeiro quartel do século xx, os seus livros escandalizaram. Era o sibarita que do seu retiro de Vila Nova de Portimão desafiava a nobreza tradicional, provinciana, e a burguesia da República, austera e novo-riquista, com os seus requintes de viajante culto, enredado nos meandros eróticos de Amesterdão, na volúpia parisiense, no mar de sensações estéticas e carícias femininas em que o seu Mediterrâneo se havia tornado. *Sabina Freire* e *Cartas sem Moral Nenhuma* foram, nesse período, os seus desafios supremos. No primeiro, sua única peça de teatro (farsa trágica), caustica os notáveis da monarquia e sobretudo a gente rica e egoísta do Algarve, que nos mostra como títeres, palhaços de salão solicitando as migalhas do Poder. Sabina, personagem nietzschiana, expõe a sua moral de lasciva predadora e, tentando envenenar a sogra, sacrifica o seu romântico marido, que tem alma de poeta.

Mas são *Inventário de Junho* e *Agosto Azul* os dois livros, heterogéneos e belíssimos, que melhor definem talvez o Teixeira-Gomes dessa época, memorialista, trotamundos ancorado temporariamente nesse ensolarado litoral algarvio onde vê a projecção da antiga Hélada (a do prazer inocente e dos eurítmicos quadros naturais), paraíso de tritões e sereias, de faunos que espreitam as ninfas e de fabulosas rochas douradas, de águas tão cerúleas como aquele céu do eterno Ve-

rão. Obras que são conjuntos de crônicas e cartas, de apontamentos paisagísticos perfeitos, de contarellos onde o desejo estua, esbocetos tão harmoniosos e irônicos que só poderia colori-los uma arte tão visual e experiente como a sua, que, mergulhando no naturalismo e no decadentismo, recupera, ao mesmo tempo, as graças verbais de um Frei Manuel Bernardes, de um D. Francisco Manuel de Melo, e a elegância de Garrett, o domínio da língua de um Camilo Castelo Branco.

Era contemporâneo de Fialho de Almeida e seu admirador, amigo de Afonso Lopes Vieira e de António Patrício. E grande amor de música, colecionador de quadros e objectos raros e visitante das grandes pinacotecas da Europa.

O seu primeiro livro de ficção dessa mesma fase, *Gente Singular*, é um prodígio de graça vocabular, de capacidade descritiva, tão à vontade a revelar-nos os recessos eróticos de Amesterdão e o mistério das suas mulheres como a satirizar os podres e as vanglórias do Algarve abastado e suas pendurezas, ou o próprio clero, em sarabanda de um cómico delirante, que gira em torno do cónego Simas e suas manas no conto epónimo, a abrir o volume.

É já depois do interregno diplomático de Londres e da passagem de M. Teixeira-Gomes pela Presidência da República, de que se desempenhou com o brio e honradez que a História lhe reconhece, é só então que torna à sua existência de es-

Prefácio da 5.^a edição

Iniciamos com este volume a edição das Obras Completas de M. Teixeira-Gomes. Primeiro livro desse extraordinário escritor, publicado já na madurez da idade, cerca dos quarenta anos, Inventário de Junho é o mostruário muito belo do seu talento, das suas predilecções (do seu viver olhando, das suas estesias, da sua constante sensualização da arte e da natureza) e também, naturalmente, das suas limitações.

Junho é o mês que se situa entre a Primavera e o Verão, o dos dias mais longos, do ar ainda fresco e da luz imensa, tempo dos deslumbramentos memorados, da existência capitosa que se inventaria.

Antes de tentar o conto e a novela, que o romance virá só no fim da vida (já na casa dos setenta), M. Teixeira-Gomes treina a pena nos esbocetos e nas descrições deste exercício dourado, que é, acima de tudo, superior artesanato verbal. Obra de linguagem que, na linha da confessa ambição flaubertiana, se sustenta — com muito pouco de referente exterior, zero vírgula quase nada de intriga — só pelo irradiante poder do estilo.

O narrador comunica-nos essencialmente imagens, as quais, quando se organizam, para além da miniatura, formam quadros de tão singular e ousada formosura como o dos dias exuberantes de Nápoles ou o da aparição de Agripina na descida do monte Coppola. Discurso que decerto não transcreve o real, mas que «pinta» uma realidade segunda, figuradamente «vívida», no seu equivalente linguístico.

Simulação e confissão correm parilhas e até verosimilmente se fundem — tal é o sestro dos capítulos de recorte autobiográfico — nas evocações esteticistas, ou irónicas e chocarreiras. Há em «Música a porcos» e em «D. Plácido» textos assumidos por um narrador autodiegético, sob a forma de recordação ou de crónica, onde tanto o grácil e o deleitoso como o alucinante e o ridículo estupendamente se superlativam, à semelhança do que há-de, pouco mais tarde, acontecer com alguns dos contos de Gente Singular, que são dos mais ricos em ironia e comicidade do voltar do século.

Foi no termo do seu primeiro grande período de viajante (pelo Norte da França e pela Flandres ou pela Alemanha renana, zonas onde ia colocar os produtos de exportação algarvios de seu pai, e pela bacia do Mediterrâneo, onde, descuidoso, dava largas à sua paixão pelas artes visuais e pela paisagem e fruía amores de acaso), foi assim numa pausa portimonense de acomodação e repouso que Teixeira-Gomes, já então epistológrafo excepcional, deu início, pela publicação, à sua existência literária. Fê-lo junto ao litoral maravilhoso (para ele ainda mais helénico do que a verdadeira Héliada), que a sua imaginação povoava de faunos e ninfas, identificáveis nos marítimos e nas serrenhas muito reais daquele espaço mítico. Deste modo, Afrodite encarnaria transitoriamente no corpo de uma camponesa anódina, espreitada pelo narrador entre rochas, após o banho, com o denso toucado grego que a água do mar lhe afeçoara e os seios, as coxas perfeitas de uma escultura antiga. Esta será a «Vénus momentânea», que apenas surge na segunda edição (a primeira é de 1899), muito acrescentada e polida.

Esta presente edição resulta do confronto das quatro existentes, três delas dadas à estampa em vida do autor, que se encontrava já em Bougie aquando da publicação da terceira, em 1933. É nessa que, obviamente, nos apoiamos, para a fixação do texto, sendo que a quarta apenas surgiu como sua honesta repetição. Das variantes damos, no final do livro, o completo rol.

Além da inclusão de novos textos, que se verifica da primeira para a segunda edição, com muito proveito para o livro, o que se observa permanentemente na comparação das páginas revistas pelo autor é uma busca de maior rigor na fixação da ideia, tanto a nível semântico como sintáctico. A maior parte das alterações

respeitam, como se pode ver, à pontuação (passagem de dois pontos a ponto e vírgula ou acrescentamento de uma vírgula). Por vezes, o autor procura acentuar um efeito irónico, escolhendo, em troca de outra, a palavra mais justa e sugestiva; ou limita-se a acrescentar reticências.

No conjunto, emendou pouco, o que, paradoxalmente, se compreende em escritor de tão laboriosa e apurada escrita, que só a dava a lume quando cada período de um texto era já uma jóia perfeita.

Com muita frequência, para não dizer quase sempre, um primeiro livro dá-nos, logo de entrada, a idiossincrasia do autor e a linha do seu trajecto, se não em amadurecimento ideológico, na genuína frescura das emoções e até nos seus próprios postigos, que tanto como aquelas revelam ao olhar perspicaz o mais fundo das reacções, das volições, dos sonhos e dos desejos por vezes ainda obscuros ou secretos. É o que sucede com Teixeira-Gomes. Inventário de Junho contém efectivamente a peregrinação de arte e êxtase («segui procissões, não sei quantas, que eram como serpentes de flores rompendo searas humanas, ondulantes, sem fim [...] ao romper da Lua, ia deitar-me ao pé do mar, que, em Nápoles, não é mais do que uma suposta realidade, reflexo do céu, vagas, absorventes transparências onde o espírito se envolve e repousa esquecido»); os excursos mitológicos; as visitas, melhor diria descobertas, a castelos e catedrais, a museus e a ruínas; os recontros eróticos («Recebia-me nua, cercada das labaredas do cabelo solto, estendida — toda ela miudinha e perfeita — no leito imenso, sobre uma colcha de damasco carmesim...»); os retratos carregados da burguesia pacóvia e egoísta — D. Rosa Penedo, D. Maria Vitória Arroio, criaturas horrendas, saturninas, desapiedadas; o fabuloso e grotesco Sr. Apolinário de Almeida e Hungria, com a sua crónica prisão de ventre; os diálogos («Crítica boémia») que prenunciam o texto dramático; e até os bosquejos crítico-literários, indisciplinados e cintilantes, como o que dedica à literatura belga e onde perpassa o seu espírito progressista, que tão luminosamente mais tarde se definiria no Carnaval Literário («À altura de Verhaeren elevou-se logo Maeterlinck, polígrafo incomparável, espírito inovador, generoso, requintado, sondando com fruto quantos problemas psicológicos perturbam a quietação da consciência social, que a mais e mais se vai adiantando

para a solução definitiva e suprema da justiça humana»). No capítulo dedicado a João de Deus e que ressumbra todo ele uma límpida admiração pelo seu poeta «artista e boémio», rastreiam-se, à margem do testemunho e da crítica em empatia, o gosto dos paralelos atrevidos e a sua já então fecunda abordagem do inconsciente, traduzida na reprodução de estados oníricos.

Outro traço, este estilístico, que nos antemostra, em germe, todo o edifício estético-linguístico que é a obra de M. Teixeira-Gomes, achamo-lo na profusão, na graça e na originalidade da metáfora («A orla do mar estende-se pela praia com o deslizar soturno e quase empeçado do veludo [...]. O ténue crescente da Lua corta a linha do horizonte; uma apara de unha luminosa, um leve sulco de prata a esvair-se... [...] O céu é de charão negro polvilhado a oiro. Já se não distinguem, mas adivinham-se, os vultos das serras estriadas pelo fumo das queimadas, fumo que se tinge de roxo, com repasses fúlgidos, línguas de labaredas cujo oiro se pega um instante ao vidro do céu», etc.).

Efectivamente em Inventário de Junho encontramos embriõariamente o nietzschiano peregrino da arte e da sensação de Cartas sem Moral Nenhuma, o dramaturgo que viria a criar a personagem de Sabina Freire, o romancista de Maria Adelaide, o amoroso e o contemplativo de Novelas Eróticas, o discípulo de Montaigne que nos havia de deixar em Carnaval Literário o gracioso e mesclado, mas também profundo (e por vezes estóico), repositório do seu pensamento e da sua cultura. Tudo aqui já se anuncia, fervilha, vibra e desabrocha, em cântico à vida, em corajosa ironia, em revelação de beleza, em filosofia própria.

E se é certo que o autor de Inventário de Junho não passou ainda pelas experiências da carreira diplomática e que longe vem ainda a sua generosa dádiva à magistratura suprema da Nação, que tantos amargos de boca lhe causaria e muito acrescentaria o seu conhecimento dos homens e dos povos, a verdade é que são já patentes neste seu primeiro livro, sob a máscara florida de um certo dandismo fim-de-século, com suas provocações verbais, o elegante comedimento, a valentia não espectacular, a bondade de raiz, a democraticidade e o sentido da honra que explicam a intuição das manifestações populares, aclamando Teixeira-Gomes, cidadão presidente e escritor, isolado no Palácio de Belém.

Com a republicação de Inventário de Junho damos início à edição das suas Obras Completas, cuja urgência resulta de se encontrarem esgotadas na sua quase totalidade, privando assim os seus leitores potenciais do convívio com uma personalidade excepcional e da fruição de um dos produtos mais acabados e originais, sem par ao nível do estilo, da literatura portuguesa de sempre.

Ao darmos, de novo, este seu primeiro livro à estampa, apostamos no público de hoje, e até particularmente no público jovem, confiados em que o tempo só terá acrescentado a modernidade de Teixeira-Gomes, acentuando a lisibilidade da sua obra, prejudicada que foi pelo código moral do fascismo, que a condenou e mutilou.

URBANO TAVARES RODRIGUES

Pedes-me impressões dessas cidades do Norte, tão minhas conhecidas, por onde há pouco de novo andei, cidades que te encantam e que eu detesto quase. Não é ali que a imaginação prefere levar-me, mas na secura e no isolamento da vida que tenho agora poderia talvez lembrar com prazer e figurar-se-me-iam ¹ talvez com vivas cores muitos episódios e quadros que na realidade me pareceram frios. Evitarei, porém, cingir-me às linhas apertadas de um roteiro. ² Vou remirar no caleidoscópio da minha memória ³ — à míngua de notas que não tenho, nem nunca tive, para consultar — e direi consoante ⁴ as pequenas imagens que nele aparecerem, ao acaso, sem escolha de latitudes, saia o que sair... ⁵

E, a propósito — muito sinceramente —, não sei se é melhor, ⁶ para apurar toda a soma de felicidade que as viagens

¹ «mas na secura e isolamento da vida que agora tenho vou talvez lembrar com prazer e figurar-se-me-ão» (1.^a ed.).

² «Evitarei, porém, cingir-me às linhas apertadas de um roteiro». (Esta frase não figura na 1.^a ed. A 2.^a ed. apresenta já todas as alterações que figuram nas edições posteriores.)

³ «Remirando no caleidoscópio da minha memória» (1.^a ed.).

⁴ «para consultar — direi consoante» (1.^a ed.). (Note-se a atenção à escrita, um *e* que é posto onde não existia.)

⁵ «sem escolha de latitudes e saia o que sair...» (1.^a ed.). (Cf. nota anterior; atenção ao processo contrário.)

⁶ «E, sinceramente, não sei se é melhor,» (1.^a ed.). (Mudança que denota a intenção familiarizante e oralizante da escrita.) — «E, a propósito — muito sinceramente — não sei» (2.^a ed.) (3.^a ed.).

produzem, ir, hora a hora, apontando as impressões recebidas e os contornos mais salientes das coisas entrevistadas no seu aspecto de ocasião, ou nada escrever e entregar essas impressões livres ao carinho da memória que, se o merecem, as detém intactas, invioláveis, e no-las restitui vivíssimas, só que um leve desejo ou lenta saudade as bafeje.

Fixar impressões na carteira é como o trabalho ingrato de coleccionar mariposas, reduzindo a uma forma só, gelada, o que tem mil formas, no calor da vida, na extravagância do movimento. Pois não é amortilhar as sensações escrevê-las? Eu penso que já me não pertencem aquelas que tento limitar e trasladar ao papel e uma vez escritas nunca mais me voltam à lembrança. Mas essas notas de ocasião, tomadas na origem, no calor da surpresa e da alegria, revestem-se de sugestivas palavras que, depois, mais tarde, impossível é encontrar, e se para gozo próprio mais vale que tudo flutue à mercê do sonho, para transmitir aos outros certas particularidades, certas aparências, o encadeamento de certas emoções, nada substitui, talvez, as linhas irrefragáveis dessas mesmas muito breves notas, tiradas de instante a instante.

Seja como for, da confusão inextricável — para mim gostosa — em que andam as minhas recordações, nascem a miúdo inesperadas séries de imagens, cujo enlace misterioso me transporta aos países mais distantes e diversos: são os meus melhores momentos.

Ainda hoje, havendo aproveitado a manhã tão linda que fez para ir passear ao campo,⁷ descansava eu, estirado à sombra, no relvoso talude da estrada, quando me apareceu e me passou, quase por cima da cabeça, rápida, galopando, como visão doirada à luz encandeante do Sol, uma égua baia, que se escapara em pêlo⁸ não sei donde. Logo se me pôs a imaginação também a galopar, correndo sem freio, bem mais veloz

⁷ «Ainda hoje, havendo aproveitado a manhã tão linda que fez, para ir passear ao campo,» (1.^a ed.).

⁸ «uma égua baia que se escapara em pêlo» (1.^a ed.). (Cf. nota anterior: as modificações incidem aqui sobre a presença ou ausência de uma vírgula.) (2.^a ed.)

ÍNDICE

Nota prévia, <i>por</i> MANUEL ANTÓNIO DA LUZ	9
A obra de Teixeira-Gomes ao longo de um século, <i>por</i> URBANO TAVARES RODRIGUES	11

INVENTÁRIO DE JUNHO

Prefácio da 5. ^a edição	21
[Preâmbulo]	27
AGRIPINA	35
MÚSICA A PORCOS	47
O MEU GRANDE AMIGO TOMÁS	75
VÁRIA:	
PERFUME DO PASSADO	89
FALA O MESTRE...	91
PAISAGEM SENTIMENTAL	95
CRÍTICA BOÉMIA	99
LÍNGUAS PEÇONHENTAS	101
SORTILÉGIO ADORÁVEL	103
ORGULHO DOS SENTIDOS	107
MURMURAÇÃO INOCENTE	111
VÊNUS MOMENTÂNEA	115
DE LONGE...	119
IMPERFEIÇÕES LAMENTÁVEIS	123
D. PLÁCIDO	127

JOÃO DE DEUS	167
DESENHOS E ANEDOTAS DE JOÃO DE DEUS	177
MONUMENTOS... ..	191
VENTO LEVANTE	199
NOTA (Este livro não tem utilidade no comércio...)	207

CARTAS SEM MORAL NENHUMA

Prefácio da 5. ^a edição	215
I	223
II	226
III	231
IV	237
V	243
VI	248
VII	259
VIII	268
IX	278
X	282
XI	294
XII	299
XIII	307
XIV	316
XV	326
XVI	338
XVII	359

AGOSTO AZUL

Prefácio da 4. ^a edição	369
[Carta de Março de 1901]	375
[Carta de Abril de 1901]	382
[Carta de Julho de 1901]	384
[Carta de Outubro de 1901]	392
COLÓNIA	399
AGOSTO AZUL	441

Acabou de imprimir-se
em Abril de dois mil e nove.

Edição n.º 1016455

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

M. TEIXEIRA-GOMES

I

INVENTÁRIO DE JUNHO
CARTAS SEM MORAL NENHUMA
AGOSTO AZUL

2.ª Edição, revista e aumentada

Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues

Notas de Urbano Tavares Rodrigues,
Helena Carvalhão Buescu e Vítor Wladimiro Ferreira

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009